

# *O Trabalhador-Estudante no Ensino Superior: suas Representações e Expectativas em Relação ao Mercado de Trabalho e ao Ensino*

Pesquisadores: Ana Shirley de França Moraes (coordenadora), Renato Ferreira Carr e Lúcia Helena Martins Gouvêa

**Instituição:** Universidade Estácio de Sá (UNESA) **Fonte Financiadora:** UNES A/Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

## **O problema: contextualização**

O modelo econômico adotado, a partir de 1964, cujo período militar de governo foi um marco em termos de trajetória político-econômica, trouxe a definitiva inserção da economia brasileira ao controle do capital internacional (Skidmore, 1982). Tal modelo pregava a modernização, assegurando a expansão de mercados, porém aumentando a distância em todos os níveis entre os centros criadores de tecnologia e ciência e os países consumidores, como era o caso brasileiro. Este processo imperialista, marcado pela ação do capital estrangeiro, em sua lógica de acumulação e centra-

lização, conduziu à intervenção das "metrópoles" não só no plano econômico, mas, da mesma forma, nos planos político, social e educacional. E claro que para suprir as exigências do novo mercado que se criava, o sistema de ensino deveria adaptar-se, reformar-se, à luz das novas exigências de qualificação profissional, a fim de se adequar às novas perspectivas ocupacionais, em função da crescente oferta de trabalho criado (Romanelli, 1989).

Com o enfraquecimento do antigo modelo de ascensão da classe média (Cunha, 1977) e a crescente oferta de trabalho criada pelo novo modelo econômico, a classe média

passou a acreditar que as hierarquias ocupacionais das empresas eram a única forma através da qual poderiam manter ou conseguir *status*. Assim, a procura de trabalho cresceu significativamente, o que caracterizava a oferta, mas não o emprego, pois entre ambos havia a exigência da qualificação. Por isso, a educação passou a ser vista como um caminho para que as classes médias conquistassem postos e as empresas surpressem seus quadros.

Nesse clima vem à cena a visão da educação sob o ponto de vista econômico. Cabe revelar que a Teoria do Capital Humano (Schultz, 1973), uma teoria do desenvolvimento, constituiu-se, no Brasil, nesse momento, em verdadeira "Teoria da Educação", gerando a crença de que o investimento em educação garantiria o aumento do desenvolvimento cognitivo e a competência técnica dos indivíduos. Como conseqüência, implantou-se o "otimismo pedagógico" na sociedade, acreditando-se que o maior nível de escolaridade possibilitaria o aumento da capacidade de produção individual: a

majoração da remuneração dos trabalhadores e sua ascensão social e profissional.

E notório que a cada dia o mercado de trabalho vem exigindo mais tempo de escolarização aos seus postulantes, onde o título se torna indispensável no momento da competição por determinadas funções, mesmo que não garanta *status*, estabilidade e salário compatível (Frigotto, 1989). Isto posto, todos sabem: trabalhar é necessário, mas estudar, também. Mesmo sabendo-se que o título não garante um emprego, pelo menos coloca apto o indivíduo a disputar, com alguma chance, um lugar no mercado de trabalho, ou a ascender profissionalmente, através dos planos de carreira das empresas.

Hoje, empiricamente, o que se vê é uma quantidade significativa de indivíduos, homens e mulheres, jovens e adultos, que se dividem diariamente entre as funções de trabalhador e estudante, concomitantemente, fazendo parte de seu cotidiano o acúmulo de responsabilidades e a exigência de tempo de dedicação à educação e ao trabalho.

Para que o trabalhador possa estudar, necessita de um tipo de escola que permita a conciliação do trabalho com o estudo, oferecendo horário compatível, boa localização em relação ao emprego e à moradia, maior oferta de vagas e qualidade de ensino, entre outros fatores. Assim, pelo que se percebe na realidade do ensino superior brasileiro, principalmente nos grandes centros urbanos, é cada vez maior o número de trabalhadores da classe média que procuram escolas superiores noturnas (Sposito, 1989), geralmente particulares, vinculadas à formação para o mercado, em função dessa necessidade.

Há, inegavelmente, nessas instituições de 3º grau, universitárias ou não, alguns atrativos, pois, mesmo cobrando mensalidades, recebem todos os anos um número cada vez maior desse tipo de discente que, muitas vezes, por falta de opção pela escola pública (Buffa, 1979), não tem outra alternativa, mas não desiste de prosseguir na escalada educacional. Dessa forma, cabe conhecer essa nova categoria

de aluno que cresce, dia a dia, enquanto expressão da demanda por vagas no 3º grau: o trabalhador-estudante no ensino superior.

A proposta do Projeto de Pesquisa Trabalhador-Estudante surge da observação direta docente, resultado da convivência diária na sala de aula, com alunos na Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro. Com base nesta observação, verifica-se que os cursos de graduação noturnos, principalmente os de ciências sociais aplicadas e humanas, são constituídos majoritariamente por trabalhadores. Em função disso, percebe-se a investigação sobre o trabalhador-estudante no ensino superior como necessária, pois, através do conhecimento de suas representações e expectativas quanto ao mercado em que atua e ao ensino que recebe, poder-se-á efetuar mudanças que resultem em maior qualidade na formação do trabalhador, visto que se deve eleger o mundo do trabalho como ponto de partida para se pensar a educação do trabalhador (Kuenzer, 1988).

## **Amostragem e instrumentos**

A observação direta docente realizada cotidianamente não deixa dúvida quanto à nova categoria de alunos adultos que vem se constituindo, com o passar do tempo, na maior expressão da demanda ao ensino de 3º grau. O trabalhador-estudante no ensino superior — o aluno que trabalha durante o dia e, à noite, procura a universidade, a fim de completar a educação escolarizada, tão exigida no mercado de trabalho — torna-se o objeto de estudo na investigação proposta, sendo a Universidade Estácio de Sá (UNESA), no Rio de Janeiro, o *locus* da pesquisa, mais propriamente os seus vários cursos oferecidos no horário noturno, principalmente os da área de ciências sociais aplicadas e humanas.

A escolha da UNESA justifica-se pelo fato de que foi nessa instituição, a partir do relacionamento acadêmico docente-discente, no ato de ensino-aprendizagem, que se deu o reconhecimento dessa nova categoria de estudantes que, fundamentalmente nos grandes centros urba-

nos, vem representando significativa "clientela" dos cursos noturnos de graduação. Tal proposição se encaminha para um estudo de caso institucional particular, mas que apresenta semelhança discente com outras escolas superiores, vinculadas à formação para o mercado de trabalho, como primeira vocação; pode-se, por conseguinte, generalizar os resultados obtidos ao final.

O estudo será realizado num enfoque fenomenológico, utilizando-se, inicialmente, levantamento bibliográfico consistente, a fim de sustentar teoricamente a pesquisa de campo exploratório-descritiva (Lakatos, Marconi, 1991), quanto à coleta de dados, que será realizada com os alunos-alvo do estudo — os trabalhadores.

## **O universo e a seleção de sujeitos (amostragem)**

Como o universo de alunos é muito amplo (ao todo são 7.694 estudantes matriculados nos 15 cursos noturnos, voltados para a área em questão), o método adotado para

a coleta de dados, (realizada através de dois instrumentos de pesquisa, questionário e entrevista), obedeceu à seguinte criação de amostragem:

— Foram escolhidos aleatoriamente três cursos de graduação noturnos, na área de ciências sociais aplicadas e humanas: Administração de Empresas, Direito e Ciências Econômicas.

— Nesses três cursos escolhidos aleatoriamente, foram sorteados quatro períodos, a serem alvo de estudo, e a disciplina com maior número de alunos matriculados em cada período delimitou a população-alvo desta investigação.

A investigação encontra-se na fase de pesquisa de campo, já tendo sido realizada a revisão da literatura sobre o tema. Assim, espera-se que, no seu final, este trabalho contribua significativamente para a área Educação e Trabalho e, principalmente, para o trabalhador-estudante brasileiro.

### Referências bibliográficas

BUFFA, Ester. *Ideologias em conflito. escola pública e escola privada*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

CUNHA, Luiz Antônio. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improduti-va*. São Paulo: Cortez, 1989.

KUENZER, Acácia. *Pedagogia da fábrica, as relações de produção e a educação do trabalhador*. São Paulo: Cortez, 1988.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, M. de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1989.

SCHULTZ, Theodor W. *O capital humano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. SKIDMORE, Thomas. *Brasil de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). *O trabalhador estudante, um perfil do aluno do curso superior noturno*. São Paulo: Loyola, 1989.